

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

CONSIDERAÇÕES SOBRE O INAF: IDENTIFICANDO ANALFABETOS FUNCIONAIS EM UMA ESCOLA PARCEIRA DO PIBID/MAT

Alexandra de Oliveira Abdala Cousin

aoacousin@uem.br

Mayara Cristina Sugigan

mayarasugigan@hotmail.com

Julia Raimundo de Paiva

juliade_paiva@hotmail.com

Resumo: Essa pesquisa tem por finalidade apresentar uma proposta de trabalho em uma escola parceira, onde o subprojeto PIBID/Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM) tem sido desenvolvido, cujo caráter é identificar os sujeitos que apresentam dificuldades em aprendizagem em Matemática na Educação Básica. A pesquisa tem como eixo norteador o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, conhecido como INAF. A proposta, ainda em execução, almeja estabelecer questionamentos, reflexões e indicações de intervenções para a melhoria da aprendizagem em Matemática para alunos da Educação Básica.

Palavras-chave: Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. PIBID. Matemática.

Introdução

Esse trabalho tem por objetivo apresentar uma proposta de intervenção em uma escola parceira, onde o subprojeto PIBID/Matemática da UEM tem atuado, cujo caráter é identificar os sujeitos que apresentam dificuldades em aprendizagem em Matemática na Educação Básica. A pesquisa tem como eixo norteador o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional, conhecido como INAF.

O projeto PIBID, na área de Matemática, no qual estamos inseridos atualmente, teve início em março de 2014, e conta com 24 bolsistas de Iniciação à Docência, 02 acadêmicos voluntários, 04 professoras supervisoras das escolas parceiras e 02 coordenadores de área. A escola parceira em que esta proposta está sendo desenvolvida está localizada na periferia da cidade de Maringá e apresentava um IDEB considerado baixo quando da elaboração do subprojeto PIBID.

O interesse em estudar o tema surgiu no momento em que fomos incentivados, por meio de leituras indicadas, a investigar as características geográficas, econômicas, sociais e de desempenho em Matemática dos alunos da escola parceira através dos indicadores disponibilizados pelos órgãos oficiais, especificamente o Inep; e discussões e avaliações diagnósticas realizadas com a comunidade envolvida. A trajetória, ainda sendo executada, tem contribuído para a elaboração de um trabalho de intervenção metodológica para identificarmos na escola parceira sujeitos considerados analfabetos funcionais.

A proposta do PIBID/MAT da UEM

Inicialmente subdividimos o trabalho em quatro etapas:

1) A primeira etapa consiste em:

- Análise de **Avaliação Diagnóstica 1**, aplicada no início do subprojeto, cujo objetivo é verificar o nível de conhecimento matemático dos alunos; elaboração e aplicação de **Avaliação Diagnóstica 2**, que classificará, por níveis, os sujeitos da pesquisa e **Questionário de Acompanhamento Complementar**, este tem objetivo de identificar o papel da família no acompanhamento da vida escolar do aluno nas várias atividades que envolvem a escola.

2) A segunda etapa inclui:

- Classificação dos sujeitos em níveis de alfabetismo, de acordo com a análise realizada na etapa anterior. Esses níveis serão especificados na próxima seção deste trabalho.

3) A terceira etapa consiste em:

- Identificação e análise de cada nível detectado. Será nesta fase que poderemos encontrar os sujeitos analfabetos funcionais, alvos da nossa pesquisa.

4) A quarta e última etapa constitui em:

- Realizar o cruzamento de dados obtidos na terceira etapa, e os dados obtidos por meio do Questionário de Acompanhamento Complementar, a fim de verificar se os fatores indicados estão corroborando com as conjecturas iniciais observadas pelas autoras.

Essa proposta foi norteadada por LUCCHESI DE CARVALHO (2004) que realizou um trabalho semelhante, cujo foco foi identificar níveis de escolarização entre adultos. A autora utilizou os dados do INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional) de 2002. Esse indicador tem por objetivo realizar levantamento sobre os níveis de alfabetismo de jovens e adultos. Seu primeiro resultado divulgado no Brasil foi no ano de 2001 e foi realizado pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a organização não governamental Ação Educativa. O objetivo de pesquisa dessa natureza é a construção de um indicador nacional capaz de gerar informações mais detalhadas e não se trata de estimar o nível de sucesso escolar dos alunos, mas de avaliar as

possibilidades de mobilização de habilidades de leitura e escrita em situações de uso cotidiano.

O INAF utiliza uma amostra nacional com duas mil pessoas de 15 a 64 anos, com base num amplo conjunto de informações sobre a população-alvo, alcança as mais diferentes regiões do país, geograficamente, condições de urbanização, níveis socioculturais, econômicos, de escolaridade, considerando ainda o perfil de distribuição étnica e de gênero da população brasileira.

Tendo em vista os mesmos objetivos do INAF transformamos essa pesquisa em um trabalho voltado para os alunos de uma escola parceira em que o projeto PIBID/Matemática da UEM está inserido. Os sujeitos-alvos de nossa pesquisa são alunos com faixa etária a partir de 14 anos, matriculados de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental.

Nossa proposta, além de buscar identificar o ‘alfabetismo matemático escolar’ dos sujeitos da pesquisa, visa também procurar causas para explicar as classificações desses sujeitos nos níveis que definiremos na próxima seção. Para isso faremos cruzamentos de dados obtidos por meio do ‘Questionário de Acompanhamento Complementar’.

As possibilidades de relações entre o INAF e os sujeitos envolvidos na pesquisa da escola parceira

Apresentamos, inicialmente, nessa seção os níveis descritos pelo INAF a fim de classificar os sujeitos de nossa pesquisa.

Segundo REIS FONSECA (2004) os níveis de alfabetismo matemático são:

- **ANALFABETISMO:** Os sujeitos que não demonstram dominar sequer habilidades matemáticas mais simples, como ler o preço de um produto em um anúncio ou anotar um número de telefone ditado pelo entrevistador;
- **NÍVEL 1:** Caracteriza-se pelo sucesso apenas em tarefas de leitura de números de uso frequente em contextos específicos: preços, horários... Este sujeito é capaz de anotar o número de telefone ditado por alguém, ver horas em relógios de ponteiros, medir um comprimento com fita métrica e verificar datas em calendários;
- **NÍVEL 2:** Demonstram dominar completamente a leitura de números naturais, independente da ordem de grandeza e são capazes de ler e comparar números decimais que são associados a preços, contar dinheiro e fazer troco. Também são

capazes de resolver operações simples de adição e subtração e, realizam a multiplicação quando não conjugada com outras operações;

- NÍVEL 3: Os sujeitos são capazes de adotar e controlar uma estratégia nas resoluções de problemas com uma série de operações, executa com tranquilidade tarefas envolvendo cálculo proporcional. Também demonstram certa familiaridade com mapas, tabelas e gráficos.

Para caracterizar nossa pesquisa descrevemos agora como serão distinguidos os sujeitos da escola, fazendo um paralelo, respectivamente, com os níveis descritos acima. Ou seja, os níveis de ‘alfabetismo matemático escolar’ serão classificados conforme segue:

- ANALFABETISMO ESCOLAR: Os sujeitos que não demonstram habilidades mais simples, como ler enunciados das questões e interpretá-los;
- NÍVEL A: Os sujeitos que são capazes de realizar a leitura dos enunciados, reconhecer os números apresentados, porém tem dificuldades em realizar cálculos simples. Em geometria não conseguem identificar a planificação de figuras tridimensionais.
- NÍVEL B: Os sujeitos que são capazes de realizar a leitura dos enunciados, reconhecer os números apresentados, realizam operações simples, mas quando apresentam um grau de complexidades identifica-se certa dificuldade. Em geometria conseguem identificar figuras planas e apresentam dificuldades em associá-las em figuras tridimensionais.
- NÍVEL C: Os sujeitos que são capazes de realizar a leitura dos enunciados, reconhecer os números apresentados, realizam operações com certo grau de complexidade. Em geometria conseguem identificar figuras planas e associá-las em objetos tridimensionais. Conseguem interpretar gráficos e tabelas. Ou seja, os sujeitos desse nível conseguem realizar todas as atividades propostas.

717

Considerações Finais

Acreditamos que ao final dessa pesquisa, ainda em execução, obteremos respostas e reflexões sobre o desempenho dos alunos na disciplina de Matemática, quer seja pelas avaliações oficiais, ou pelo relato dos professores da Educação Básica. Nesse momento estamos analisando os dados da Avaliação Diagnóstica 1 e, elaborando a

Avaliação Diagnóstica 2 e o Questionário de Acompanhamento Complementar. Desta forma, entendemos que, mesmo que embrionária, essa proposta poderá indicar caminhos para possíveis trabalhos para os bolsistas ID do PIBD juntamente com os alunos da Educação Básica das escolas parceiras.

Esperamos poder, em trabalhos futuros, apresentar os resultados dessa proposta que estamos realizando, e possivelmente subsidiar outras pesquisas dessa natureza.

Referências Bibliográficas

LUCCHESI DE CARVALHO, Dione. **Alfabetismo, escolarização e educação matemática: reflexões de uma professora de matemática.** In: LETRAMENTO NO BRASIL: Habilidades Matemáticas: Reflexões a partir do INAF 2002/ organizadora Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca. – São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Instituto Paulo Montenegro, 2004.

REIS FONSECA, Maria da Conceição Ferreira. **A educação matemática e a ampliação das demandas de leitura e escrita da população brasileira.** In: LETRAMENTO NO BRASIL: Habilidades Matemáticas: Reflexões a partir do INAF 2002/ organizadora Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca. – São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Instituto Paulo Montenegro, 2004.